

JORNAL: O JORNAL

LOCAL: \_\_\_\_\_

DATA: 14 / 9 / 1963 AUTOR: QUIRINO CAMPOFIORITO

TÍTULO: IVAN SERPA - II

ASSUNTO: \_\_\_\_\_

O JORNAL — Sábado, 14 de setembro de 1963

## Artes Plásticas

QUIRINO CAMPOFIORITO

### IVAN SERPA - II

Dissemos ontem que a exposição de Ivan Serpa (Galeria Tenreiro), não nos causará simplesmente uma surpresa, tampouco um espanto, e sim um susto! Agora, que vamos vencendo o susto, as telas que o nosso pintor exibiu recentemente vão se tornando mais ao alcance de uma visão normalizada. Aquela fantasmagoria lúbrica e um tanto pedante, vai-se reduzindo às suas proporções vulgares. Já as vemos agora nas suas medidas mais justas.

Chegamos a pensar que de momento uma ordem secreta chega ao "atelier" de muitos pintores e eles entram em nova órbita, mudam de plano e põe-se a rodopiar em torno de um outro centro comum. Mal se falou em "novo figurativismo", e logo as galerias se enchem de quadros a sim. Foi Ivan Serpa na "Tenreiro", veio de Paris, Flavio Shiro Tanaka para a "Petite Galerie" e quatro argentinos para a Galeria Bonino.

O novo figurativismo promete ser o grande espetáculo da VII Bienal. E já as pré-estréias vão tomando conta da novidade. Não é uma nova consciência artística que está sendo lançada, porque isso não é coisa para fazer mudar cartaz como um cinema muda o programa; um teatro muda a peça, uma vitrine de modas muda o manequim, uma mulher troca de vestido.

Percebe-se que artistas, mesmo dentre aqueles que respondem por inegável responsabilidade, vão mudando o passo conforme tocam a música. E logo surge a nova taboleta. Desta vez traz escrita — "protesto social". Esse protesto social que já foi tão ridicularizado, pelos próprios que agora o fazem voltar à pintura, justificando a necessidade de irromper escandalosamente e sem bravura, numa desenfreada demonstração de pretenção.

Não acreditamos nessa forma de protesto. Nem acreditamos numa pintura que vem fantasiada assim, e nem ao menos consegue superar um expressionismo sem convicção, por demais

caricaturesco, sem idoneidade pictórica nem seriedade de conteúdo. Afinal os bons caricaturistas já há muito vêm fazendo o que os pintores querem agora roubar-lhes.

Ivan Serpa põe em suas telas seres humanos e bichos numa confabulação incongruente. Não saberíamos dizer onde as telas de maiores dimensões poderiam ser colocadas, sem que, ao fim de alguns dias, causassem repulsa, não pelo excesso de expressão, não pelo que po suas de originalidade da solução plástica — mas pelo que realmente acabam sendo, enormes cenas de impertinente demonstração erótica, sem outro conteúdo que possa defender a razão de terem tais imagens inspirado pintura.

Vemos, por ora, nestes primeiros vagidos do "novo realismo" uma estranha imitação do que já se conhece nos arquivos de psicopatologia. Tem havido muitas modas. Está passando a de imitação dos trabalhos infantis. Agora será a vez de imitar, sem nada tirar nem acrescentar, e apenas pespegando a legenda do protesto social — aquilo que há muito é feito nos "ateliers" de pintura coletiva ou individual que são organizados nos institutos de psiquiatria. "Pinturas de doentes que servem para ser examinados sob o ângulo do diagnóstico e do tratamento". Aliás, o estudo da "Arte Psicopatológica" é um caminho admirável para a exploração da Personalidade (Robert Volnat). É oportuno considerar a expressão de Malraux — "na criança a mestría é substituída pelo milagre", para reconhecer, conforme já foi dito, que igual se deve atribuir ao alienado.

Um artista pode ser um enfermo, mas não encontramos razão para que um artista não deva, em sua obra, simular impulsos idênticos aos que dão autenticidade às criações do primeiro.

Nos trabalhos dos alienados — "pode-se acompanhar, como num gráfico, as oscilações e o progresso da psicose". Nas criações do artista são, tal não poderá suceder, e qualquer simulação falseará sua arte.

As telas menores de Ivan Serpa, sustentam um interesse que não possuem suas composições maiores. Abolutamente, embora, dentro do já conhecido expressionismo, têm essas telas menores a virtude de condensar uma seriedade pictórica digna de aprêço.